

Índios libertam reféns

Andreazza nomeará novo presidente da Funai após ouvir tribos

FOTOS: WAGNER BILL



Andreazza cumprimenta Megaron pelo seu papel na liberação dos reféns, recebidos ontem, entre lágrimas, pelos familiares

Juruna sela hoje acordo de terras

Deverá acontecer hoje, às 9h, um novo encontro entre o ministro Mário Andreazza, o deputado Mário Juruna e as lideranças dos índios Txucarramãe, do Xingu, para que seja acertado definitivamente a resolução dos conflitos de terra naquela região.

O encontro será no Ministério do Interior e deverá ser criada uma comissão pelo ministro Andreazza para estudar e solucionar os problemas. A depender do clima de ontem, os índios, que estão em Brasília, tendo à frente Megaron, sobrinho do cacique Raoni, chefe indígena daquela área, deverão aceitar o que for decidido pelo ministro Andreazza.

Um outro ponto que faz parte das reivindicações dos indígenas refere-se à escolha do novo presidente da Funai, da qual querem participar. Segundo o deputado Mário Juruna, "o ministro Mário Andreazza disse que iria nos ouvir e pediu para que nós encaminhássemos vários nomes, até mais de dez. Mas eu tenho poucos candidatos e basta apenas um". Este um do deputado Mário Juruna seria, por exemplo, o ex-chefe de gabinete do Ministério do Interior nas gestões de Costa Cavalcanti e Rangel Reis, Jurani Marcos da Fonseca.

Acredita o parlamentar xavante que "não é hora ainda para mim ou outro índio ser presidente de Funai mas espero que em 86 as portas estejam abertas para o índio. Índio está aprendendo devagar e talvez daqui dois anos e seja mais maduro. Apesar da cabeça ainda estar verde, espero que índio seja presidente da Funai em 86".



Possuelo, pálido e trêmulo, relatou a difícil experiência

Muita emoção marcou ontem, às 16:30, a chegada dos quatro funcionários da Funai que, há 21 dias, estavam presos como reféns pelos índios Txucarramãe, do Xingu. O primeiro a descer do Sêneca, de propriedade da Funai, que aterrissou na pista do Hangar da Sudeco, foi o diretor do Departamento de Assistência ao Índio, Carlos Roberto Grossi, efusivamente abraçado pelo Ministro do Interior, Mário Andreazza, e recebido aos prantos por sua esposa e outros familiares. A seguir desceram o superintendente da Funai, Lamartine Ribeiro de Oliveira, e os sertanistas Sidney Possuelo e Cláudio Romero.

O sertanista ressalvou, porém, que temeu seriamente pela sua vida. "Sentiamos-nos constantemente ameaçados, mas acredito que nosso seqüestro, ao chegarmos ali numa sexta-feira, evitou que os índios comessem a atacar as fazendas no sábado". Sidney Possuelo, porém, resumiu o clima do conflito, ao dizer que "é uma história de final feliz".

TEMIAM TRAGÉDIA

Antes, porém, não foi bem assim. Ao lado de sua esposa, grávida de cinco meses, Sidney Possuelo lembrou de como "vieram quase 200 homens em cima de nós. Ficamos isolados durante muito tempo e durante todo este período, ao vê-los pintados para guerra, temíamos que uma tragédia maior viesse a acontecer". Disse o sertanista que por diversas vezes os funcionários da Funai solicitaram aos índios para que enviassem um representante a Brasília para negociar a solução do conflito.

TEMPOS MUDARAM

Abraçando a mulher e mostrando ser o mais descontraído de todos ao comentar que finalmente estava ao lado de seu filho, que ainda nascerá daqui a alguns meses, o sertanista concluiu que "isto foi bom para que o país veja que o índio não é mais aquele de antigamente, da época de Cabral, que a tudo aceitava, sem maior resistência. Os tempos mudaram. Sabíamos que o processo de solução do conflito seria demorado mas o desfecho foi bom porque o índio ganhou".

ROMERO, INCITADOR?

De outro lado, o também sertanista Cláudio Romero, diversas vezes acusado pelas autoridades como incitador do conflito, reconheceu que "procurei estar sempre ao lado deles, como indigenista e também como funcionário da Funai". Já o superintendente da Funai, Lamartine Ribeiro, concluiu, após toda a experiência, que "deu para refletir bastante, todo este tempo. Acho agora que a Funai deveria ser instrumentalizada para chegar antes destas crises. Isto será fácil, desde que a Fundação seja aparelhada e se disponha a conversar com os índios". Ao Ministro Mário Andreazza, ainda abraçado com o índio Megaron, Lamartine sugeriu que "temos que compreender que a sobrevivência do índio depende de nossa compreensão".

COLABORAÇÃO

"Há muito tempo nós comunicávamos a Brasília como estava a situação no Xingu e eles somente levaram a sério após o seqüestro", confidenciou, logo na chegada, o sertanista Cláudio Romero. Ao seu lado, o ministro Mário Andreazza, abraçado a Lamartine Ribeiro e ao índio Megarone, sobrinho do Cacique Raoni e um dos líderes indígenas, contemporizou ao afirmar que "a colaboração de Megarone e de Juruna foi fundamental para que tudo fosse resolvido".

ATUAÇÃO DECISIVA

Visivelmente abatidos, vestuários em péssimas condições, os funcionários da Funai foram cumprimentados tanto pelos diretores do órgão e o Ministro Mário Andreazza quanto pelo deputado Mário Juruna. "Nós devemos nossa vida ao Megarone", confessou Lamartine Ribeiro. "A atuação dele foi decisiva", completou o Ministro Andreazza.

Conforme o Ministro Andreazza, ao receber os funcionários que estavam seqüestrados, "o Ministério do Interior cumprirá o acordo, estamos felizes com a solução do conflito, procuraremos atender a todas as reivindicações e vamos cumprir tudo". No calor da recepção, Andreazza prometeu que os índios serão ouvidos quando da escolha do novo presidente da Funai, que irá substituir Otávio Ferreira Lima, exonerado pelo presidente João Figueiredo em decreto assinado na última terça-feira.

BEM TRATADOS

"Espero que este seja um alerta, foi uma situação muito tensa. Em 16 anos de Funai eu ainda não tinha passado por esta experiência", confessava, pálido, e ainda um pouco trêmulo, o sertanista Sidney Possuelo. Em suas mãos, um exemplar do livro "O Nome da Rosa", de Umberto Eco. De